



ARTIGO DE REVISÃO

GUERRA DA UCRÂNIA: A CRISE UCRANIANA SOB O OLHAR DO FILME “INVERNO EM CHAMAS” E AS PRINCIPAIS IMPLICAÇÕES DA INVASÃO RUSSA DE 2022

Fábio Santana Meira Júnior¹

RESUMO

A invasão russa à Ucrânia em 2022 repercute atualmente na comunidade mundial. A existência do conflito armado e os eventos anteriores que envolvem os dois países requer considerações jurídicas, políticas e econômicas. Portanto, propõe-se analisar os eventos do filme “Inverno em Chamas: A Luta pela Liberdade da Ucrânia” (2015) com o intuito de contextualizar a crise política entre os dois países, visando a um entendimento completo sobre o tema estudado. Diante da tensão imposta pela atual guerra, faz-se necessário ponderar uma crítica sobre a violação dos direitos humanos e da soberania de nações. Assim sendo, o artigo ressalta a necessidade de refletir sobre os elementos do Direito Internacional e as consequências políticas e econômicas a nível global oriundas do conflito. Em síntese, a pesquisa qualitativa e bibliográfica é fruto de um relato de experiência realizado a partir das reflexões tecidas no Laboratório de Pesquisa em Filosofia, Direito e Audiovisual (LAPEFIDA) na Universidade do Estado da Bahia, campus XX - Brumado e no 2º Curso de Extensão em Direitos Humanos, Grupos Vulneráveis e Violências da UNEB - Campus XX. Para tanto, utilizou-se dos seguintes autores basilares: Eric Hobsbawm (2006) e Timothy Snyder (2019).

Palavras-chave: Guerra; Ucrânia; Rússia; Direitos Humanos; Cinema.

ABSTRACT

The Russian invasion of Ukraine in 2022 currently resonates with the world community. The existence of the armed conflict and the previous events involving the two countries requires legal, political, and economic considerations. Therefore, it is proposed to analyze the events of the film "Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom" (2015) in order to contextualize the political crisis between the two countries, aiming at a complete understanding of the topic studied. In view of the tension imposed by the current war, it is necessary to ponder a critique of the violation of human rights and the sovereignty of nations. Therefore, the article highlights the need to reflect on the elements of International Law and the global political and economic consequences arising from the conflict. In summary, the qualitative and bibliographical research is the result of an experience report carried out from the reflections woven in the Research Laboratory of Philosophy, Law, and Audiovisual (LAPEFIDA) at the State University of Bahia, Campus XX - Brumado, and in the 2nd Course of Extension in Human Rights, Vulnerable Groups, and Violence at UNEB - Campus XX. For this purpose, the following basic authors were used: Eric Hobsbawm (2012) and Timothy Snyder (2019).

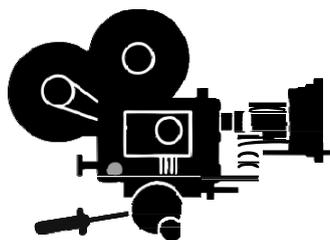
Keywords: War, Ukraine, Russia, Human Rights, Cinema.

RESUMEN

¹ Graduando em direito pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XX/ Brumado. Integrante da Liga Acadêmica de Ciências Criminais (LACIC) da UNEB/DCHT XX e do Laboratório de Pesquisa em Filosofia, Direito e Audiovisual da UNEB/DCHT XX. E-mail: fabiojunior6895@gmail.com

La invasión de Ucrania por parte de Rusia en 2022 tiene actualmente resonancia en la comunidad mundial. La existencia del conflicto armado y los sucesos previos que involucran a los dos países requieren consideraciones jurídicas, políticas y económicas. Por ello, se propone analizar los acontecimientos de la película "Invierno en llamas": La lucha de Ucrania por la libertad" (2015) para contextualizar la crisis política entre los dos países, con el fin de lograr una comprensión completa del tema estudiado. Dada la tensión impuesta por la guerra actual, es necesario reflexionar sobre una crítica a la violación de los derechos humanos y la soberanía de las naciones. Por ello, el artículo pone de manifiesto la necesidad de reflexionar sobre los elementos del Derecho Internacional y las consecuencias políticas y económicas a nivel mundial derivadas del conflicto. En síntesis, la investigación cualitativa y bibliográfica es fruto de un informe de experiencia realizado a partir de las reflexiones tejidas en el Laboratorio de Investigación de Filosofía, Derecho y Audiovisual (LAPEFIDA) en la Universidad del Estado de Bahía, Campus XX - Brumado y en el 2º Curso de Extensión en Derechos Humanos, Grupos Vulnerables y Violencia de la UNEB - Campus XX. Para ello, se utilizaron los siguientes autores básicos: Eric Hobsbawm (2012) y Timothy Snyder (2019).

Palabras clave: Guerra, Ucrania, Rusia, Derechos Humanos, Cine.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

DCHT - CAMPUS XIX
Departamento de Ciências
Humanas e Tecnológicas
Camaçari - Bahia

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva entender a complexa relação entre Rússia e Ucrânia sob a ótica do documentário “Inverno em Chamas: A Luta pela Liberdade da Ucrânia” (2015). A obra foi dirigida por Evgeny Afineevsky e roteirizada por Den Tolmor, com distribuição e produção feita pela plataforma de streaming Netflix. Indicado ao Oscar de melhor documentário em 2015, o filme acompanha as manifestações populares que ocorreram entre 2013 e 2014 na praça central de Kiev, Maidan, na Ucrânia.

Dentre as exigências dos manifestantes, o acordo de associação com a União Europeia era visto como um instrumento fundamental para respaldar o primado da lei dentro do país. Partindo dessa premissa, “Inverno em Chamas” é, portanto, o duro retrato de um país em cenário de zona de guerra. Seguindo o curso dos eventos do filme, o artigo procura entender ainda a crise política entre Rússia e Ucrânia, a violação à soberania, a perseguição cultural e o motivo do solo ucraniano ter se tornado tão importante para os russos.

Neste artigo, o procedimento adotado expõe o exercício de comparação, para assim ouvir ambos os lados e investigar cuidadosamente eventos bastante complexos. Na mesma linha, propõe-se pontuar as consequências das manifestações civis em suas diversas formas de afetação, especialmente no âmbito dos Direitos Humanos. Busca-se, concomitantemente, analisar os impactos do conflito no cenário global, pontuando sobre possíveis soluções que poderiam ser adotadas pelo ordenamento jurídico internacional.

A metodologia utilizada faz uso de obras de autores fundamentais para o entendimento das questões colocadas, tais como Timothy Snyder (2019), Eric Hobsbawn (2012) e Hasso Hofman (2020), no que tange ao Direito Internacional. Ademais, a análise deste artigo adentra no contexto de imperialismo e paralelamente questiona se este modelo é razoável sob o olhar do ordenamento jurídico internacional. No mesmo foco, aponta-se os perigos do surgimento de grupos ultranacionalistas e dos impactos causados pela propagação do revisionismo histórico desenfreado.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO: UMA HISTÓRIA QUE CONECTA E DIVIDE RÚSSIA E UCRÂNIA

Como é comum ocorrer entre nações vizinhas, os dois países possuem laços históricos e culturais seja para uní-los, ou separá-los. Essa herança em comum remonta a mais de mil anos, com o surgimento do primeiro Estado eslavo, criado por um povo que se autodenominavam “*Rus*”. Esse grande Estado medieval tinha um imenso território que atualmente corresponde a Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. No entanto, o território ocupado soberanamente pela Ucrânia nunca foi, de fato, o espaço de uma nação unificada, estando por muito tempo sob a dominação polonesa-lituana, austríaca ou russa. (GONTIJO, 2020, p. 3)

Com a consolidação do Império Russo no século XIX, todas as antigas terras do território eslavo passaram a fazer parte da Rússia. Entretanto, a integração imperial russa provocou uma reação nacionalista ucraniana, por isso, o regime passou a sufocar a cultura local. Escritores e ativistas ucranianos foram obrigados a fugir para outros países. Os refugiados do Império tentavam definir a política e a história ucraniana em termos de continuidade cultural, e não de poderio imperial. Não obstante, os anos seguintes, após a anexação da Ucrânia pelo Império Russo, ficaram marcados por uma rigorosa política de repressão. Por meio dela, ficou proibido, por exemplo, o uso e o estudo da língua ucraniana.

Após a Revolução Bolchevique, o país travou uma brutal guerra civil antes de ser totalmente integrado à União das Repúblicas Socialistas Soviética em 1922. Segundo o projeto colonizador de seu líder Josef Stalin, a URSS precisava explorar suas terras ermas. Portanto, a Ucrânia deveria ceder sua agricultura para os soviéticos. O controle agrícola do Estado no início da década de 1930 produziu uma grande epidemia de fome generalizada que provocou a morte de milhões de ucranianos. Durante todo o período – conhecido como *Holodomor* – o governo soviético importou um grande número de russos para repovoar o leste, porém a grande maioria não falava ucraniano e tinha poucos laços com a região.

Na prática, o objetivo era ampliar o controle sobre as minorias étnicas e reprimir o movimento de independência ucraniana. Na mesma época foi recriada a campanha contra a cultura ucraniana, adormecida desde o início da década de 1920. Nessa conjuntura, o ensino da língua russa voltava a ser obrigatório nas escolas. Ademais, os intelectuais e personalidades culturais da Ucrânia foram presos e submetidos a julgamentos escarneadores. Para muitos ucranianos, o objetivo do genocídio perpetrado pelos russos soviéticos era dizimar a identidade nacional. O *Holodomor* virou um trauma coletivo pertencente ao imaginário social e assombra a Ucrânia, servindo de pretexto para o sentimento antissoviético representado pelo nacionalismo colaboracionista de Stepan Bandera².

Durante a Segunda Guerra Mundial, o ressentimento ucraniano pelo autoritarismo soviético ficou ainda mais patente. Quando as tropas nazistas assumiram o controle da Ucrânia, em 1941, parte da população reconheceu os nazistas como libertadores, passando a colaborar com eles. De acordo com o historiador Timothy Snyder (2008, p. 252), “ã guerra fora a única esperança dos ucranianos terem alguma chance de se livrarem do domínio soviético”. Em sua obra “Na Contramão da Liberdade”, Snyder aponta que

Como resultado da ocupação alemã que começou em 1941, mais de 3 milhões de habitantes da Ucrânia soviética foram mortos, entre eles cerca de 1,6 milhão de judeus assassinados pelos alemães e por policiais e milícias locais. Além dessas perdas, mais de 3 milhões de habitantes da Ucrânia soviética morreram em combate, como soldados do Exército Vermelho. Somando tudo, aproximadamente 10 milhões de pessoas foram mortas numa década, em consequência de duas colonizações rivais do mesmo território. (SNYDER, 2019, p. 148)

² Líder do nacionalismo colaboracionista ucraniano, Stepan Bandera atuou para facilitar o domínio dos nazistas na região quando a União Soviética foi invadida por tropas nazistas em 1941. Bandera permanece sendo uma figura política bastante controversa e é tido por parte dos cidadãos ucranianos como um herói nacional.

Após a guerra, a estagnação dos países socialistas, especialmente nos anos de 1980, deu margem para o renascimento do nacionalismo nas repúblicas socialistas do Leste Europeu. Com o fim da URSS, a Rússia não aceita o surgimento do Estado ucraniano, pois considera que ambos compõem uma só nação. A partir de então, boa parte dos conflitos entre os dois países foram resolvidas em um ambiente de guerra. Apesar de alcançar a independência, a presença e a influência russa na Ucrânia permanece intrínseca nas estruturas políticas, sociais e culturais.

3 EUROMAIDAN: RELATOS DA LUTA PELA REINVENÇÃO DA DEMOCRACIA

No começo de “Inverno em Chamas: A Luta pela Liberdade da Ucrânia”, as ruas da capital ucraniana, Kiev, são tomadas por manifestantes pacíficos contra o governo de Viktor Yanukovich. Diante de um cenário caótico tomado por corrupção, desigualdade social e crise econômica, o presidente ucraniano pró-Rússia tornou-se intolerável para os ucranianos quando tomou sua decisão depois de conversar com Putin de que a Ucrânia não assinaria o acordo de associação com a União Europeia.

Nos primeiros dias de protesto, a maioria dos manifestantes eram estudantes de todo o país, os cidadãos que mais tinham a perder com o estagnado futuro da nação. A importância histórica do acordo para a Ucrânia, que Yanukovich prometera assinar, era justamente fazer parte do processo de integração dos países europeus depois dos tempos de imperialismo e se afastar do controle russo. A filiação à União Europeia era constantemente promovida por governantes ucranianos, ao menos no discurso. Ainda que adotasse políticas totalmente contrárias, Yanukovich promovia a possibilidade de uma integração ao continente europeu.

Além de recusar um acordo de livre comércio com a União Europeia, Yanukovich era criticado por várias razões: a reaproximação com a Rússia; as tentativas de modificar a Constituição ao seu favor; as perseguições aos seus opositores; as inúmeras denúncias de corrupção do seu governo; os evidentes atentados aos Direitos Humanos; e o abuso de poder e uso violento das forças policiais. Os manifestantes foram até a Maidan, praça municipal localizada no centro de Kiev, local historicamente pioneiro para manifestações de cunho político na Ucrânia. No início das manifestações, no final de 2013, os ucranianos partiam do pressuposto de que, independentemente dos problemas políticos, tinham que ser resolvidos sem violência. Assim,

Num país que tinha testemunhado mais violência no século XX do que qualquer outro, a paz cívica do século XXI era uma conquista que inspirava orgulho. Junto com as eleições regulares e a ausência de guerra, o direito de se manifestar pacificamente era uma maneira de os ucranianos se distinguirem da Rússia. Por isso foi um impacto quando a polícia de choque atacou os manifestantes na Maidan, em 30 de novembro. (SYNDER, 2019, p. 154).

O derramamento de sangue promovido pela polícia de choque, a Berkut³, fez os cidadãos ucranianos mobilizarem para ajudar os estudantes pois a violência os incomodava. Já nos primeiros dias, a Berkut usou da violência por meio de balas de borracha para tentar dispersar e reprimir a multidão. Entre os ucranianos das gerações mais velhas, a reação de proteger o futuro dos jovens presentes na Maidan foi desencadeada pelo medo de perder a geração criada em uma Ucrânia soberana. A Berkut foi orientada a desobstruir a Maidan de manifestantes e a notícia se espalhou: ucranianos de todas as regiões do país, de todas as classes e profissões, estavam dispostos a colocar o corpo na frente dos cassetetes.

Além de suas reivindicações expressamente políticas, o Euromaidan – nome dado à onda de manifestações civis – tornou-se também uma forma alternativa de expressar cidadania. Os protestos passaram a ser menos sobre a União Europeia e mais sobre a maneira ideal de fazer política no país, ou seja, sobre dignidade e transparência. As entrevistas do filme realizadas com os manifestantes revelam que eles não tinham interesse em acabar com os protestos. Portanto, apesar da violenta repressão da polícia de choque de Yanukovych, o temor de serem alvejados letalmente não seria suficiente para os impedir de protestar. Em mais um ato de clara violação aos Direitos Humanos praticado pelas forças governamentais e batalhões pró-governo, Yanukovych criminalizou de forma retroativa os protestos, proibiu o uso de capacetes ou uniformes militares durante as manifestações e legalizou o uso da força pelo governo. Dessa forma, em janeiro de 2014, opositores do governo arriscavam-se a ir parar na prisão. As leis entraram em vigor e os ucranianos entenderam que seriam considerados criminosos se fossem apanhados. Essas medidas, chamada pelos manifestantes de “leis ditatoriais”, tinha como objetivo acabar com o movimento não só por meio da violência, mas também visando à imposição de uma censura para o controle dos manifestantes.

Ao longo do documentário, é nítido a mudança de comportamento por parte da polícia de choque: balas de borracha foram substituídas por munições letais e nem mesmo mulheres, crianças, médicos e padres estavam protegidos. Fortemente aparelhada com cassetetes de ferro, armas de fogo, bombas de efeito moral e granadas, a Berkut conteve violentamente a multidão. Apesar de incrédulos com tamanha brutalidade e inúmeras violações aos Direitos Humanos, os manifestantes resistiram e não abdicaram de seus objetivos. Mais do que isso, o sofrimento e a morte de centenas de cidadãos provocadas pelo governo deram ao movimento um caráter revolucionário e mais poderoso. Na Maidan, a principal razão do protesto passou a ser a defesa do que ainda julgavam plausível: um futuro digno para o seu país.

No começo de 2014, a ampla maioria dos manifestantes, cerca de 88% das centenas de milhares de pessoas que apareceram, não era de Kiev. Apenas 3% representavam partidos políticos, e 13% eram membros de organizações não governamentais. De acordo com pesquisas feitas na época, quase todos os manifestantes – cerca de 86% – decidiam vir por conta própria e vinham como indivíduos, famílias ou grupos de amigos. (SNYDER, 2019, p.161).

³ A Berkut foi utilizada na repressão dos protestos na Maidan e dissolvida após a Euromaidan, com a restauração da Guarda Nacional da Ucrânia. Uma parte da Berkut, entretanto, se juntou aos russos na anexação da Crimeia, tornando-se parte da Guarda Nacional Russa.

As tentativas fracassadas do governo de conter as manifestações deixaram Yanukovich abandonado e os governantes russos tinham chegado à conclusão de sua inutilidade. Quando Yanukovich fugiu para a Rússia, em 2014, a invasão da Ucrânia estava em andamento. A sua fuga para a Rússia deixou cidadãos e setores jurídicos e legislativos ucranianos numa situação inusitada: um chefe de Estado, durante uma invasão do seu país, buscou exílio permanente no país invasor.

A Rússia declarou à comunidade internacional que não reconhecia o governo interino ucraniano pois fora oriundo de um golpe de Estado, culminando no acirramento entre os dois países e na posterior invasão russa à Ucrânia na Crimeia.

4 NEONAZISMO: PRETEXTO CRIADO PARA A GUERRA

Prestes a invadir novamente a Ucrânia em 2022, o presidente russo Vladimir Putin recorre às memórias dos ataques de Hitler na União Soviética propondo caracterizar seus atos não como uma agressão a um outro país, mas como uma tentativa de defesa. Em um discurso televisionado, Putin afirmou: "Tomei a decisão de realizar uma operação militar especial. Seu objetivo será defender as pessoas que há oito anos sofrem perseguição e genocídio pelo regime de Kiev. Para isso, visaremos a desmilitarização e desnazificação da Ucrânia", acusando o atual governo ucraniano, comandado por um presidente judeu, de ser nazista. Para o cientista político Adam Casey, em entrevista dada à BBC News Brasil,

A Segunda Guerra Mundial é ainda hoje uma parte importante da cultura e da política russa, e a falsa afirmação de que o governo ucraniano hoje é como o governo aliado nazista da Ucrânia na Segunda Guerra Mundial ou o Exército de Libertação Ucraniano (o grupo que lutou ao lado dos nazistas) é uma tentativa de moldar a opinião russa em relação ao atual governo ucraniano. (CASEY, 2022)

A invasão russa à Ucrânia em 2022 é um tenso desfecho para uma crise geopolítica internacional sem previsões de acabar. Inicialmente preocupado com a expansão da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte – no leste europeu, Putin ultrapassou todos os limites das preocupações com a segurança nacional ao revisar uma série de eventos históricos na tentativa de justificar para o mundo suas ações imperialistas. Para entender as referências feitas por Putin é preciso voltar algumas décadas na História, quando o rico solo ucraniano foi palco de guerra entre dois projetos imperialistas representados por Hitler e Stalin. A colaboração aos nazistas dada por uma parte dos ucranianos soviéticos segue sendo motivo de desavenças entre russos e ucranianos.

Cabe ressaltar que o nacionalismo ucraniano resultou principalmente do choque entre duas forças: a autonomia dos anos 1920 e a centralização autoritária do período stalinista. Por conta disso, o sentimento patriótico costuma ser fortalecido nas crises com a Rússia. Ao longo da história, os regimes fascistas surgiram como consequência de dois fatores: guerra e humilhação.

A tendência, segundo uma análise política feita por Snyder (2022) em suas redes sociais, é que essa suposta desnazificação alegada por Putin alimente ainda mais o radicalismo, não o contrário. Para que a radicalização possa ser combatida, o passado precisa ser conhecido. Entretanto, o passado da Rússia, para Putin, é de total vitimização. O historiador acrescenta que

Trata-se de uma nova variedade de fascismo, que poderia ser chamada de *esquizofascismo*: fascistas de verdade chamando os adversários de “fascistas”, atribuindo aos judeus a culpa pelo Holocausto, tratando a Segunda Guerra Mundial como argumento para mais violência. Era um avanço natural na política russa da eternidade, na qual a Rússia era inocente e, portanto, nenhum filho seu jamais poderia ser fascista (SNYDER, 2019, p. 179).

Com a invasão da Ucrânia em curso, o professor de Ciência Política e autor do livro *The Code of Putinism* (2018), Brian Taylor, em 2022, conta à BBC News Brasil: “Às vésperas de completar 70 anos, Putin está certamente preocupado com seu legado, e um dos ‘assuntos inacabados’ de sua gestão é justamente a relação com a Ucrânia”. Disposta a sacrificar fatos históricos para sanar as pendências com a Ucrânia, a política russa de Putin concedeu uma Rússia em que conflitos históricos eram problemas meramente literários: ignora, por exemplo, o fato de que a União Soviética tinha começado a guerra em 1939 como aliada da Alemanha. (SNYDER, 2019, p. 191)

Não obstante, o espectador de “Inverno em Chamas” não deve esperar uma contextualização política ampla e equilibrada. O filme documenta somente a visão dos revolucionários plantados na Maidan durante pouco mais de três meses debaixo de um inverno rigoroso e de uma repressão ainda mais rigorosa. Entretanto, o documentário omite em grande parte a participação de grupos neonazistas nas manifestações. À medida que os protestos foram se tornando violentos, a extrema direita – antes dispersa na periferia de Maidan – exerceu um papel significativo no conflito, oferecendo força bruta aos manifestantes despreparados para lutar.

Um dos movimentos que mais se destacou no conflito é o chamado Batalhão de Azov, um grupo neonazista que combateu a invasão russa em 2014. Na prática, o Azov se transformou em uma milícia de guerra e se aproveitou do vácuo de poder deixado por outras instituições, como a polícia, para assumir um papel crescente no cotidiano dos ucranianos. Há também outros grupos de extrema direita com suas próprias milícias armadas, como o Partido Svoboda e o Pravyi Sektor (Setor da Direita), que tiveram participação ativa nas manifestações tanto nas unidades de defesa do movimento quanto na ocupação de prédios.

Apesar de existir milícias e organizações neonazistas, a Ucrânia não é um país nazista e a invasão de Putin é injustificável. Nas eleições presidenciais de 2014, dois partidos de extrema direita apresentaram candidatos à presidência da Ucrânia e cada um obteve menos de 1% dos votos. Em 2019, o Partido Svoboda fez uma ampla coalizão com outras legendas da extrema direita e obteve 2,15% dos votos, e elegeu, o judeu, Volodymyr Zelensky. A influência de neonazistas no Estado, alegada por Putin para “desnazificar” a Ucrânia, faz parte de uma manobra geopolítica de falsa

5 REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES SIMBÓLICAS DE UMA NAÇÃO E AS VIOLAÇÕES DO DIREITO INTERNACIONAL NA GUERRA DA UCRÂNIA

Nas vésperas da invasão russa à Ucrânia em 2022, o presidente russo, Vladimir Putin, em seu discurso televisionado, declarou que a Ucrânia moderna foi “criada” pela Rússia e que “ninguém perguntou às pessoas que viviam lá o que pensavam disso”. No entanto, após a dissolução da URSS, as pessoas foram questionadas e 92% da população referendou a separação definitiva entre as duas nações, em consonância com o Ato de Declaração da Independência da Ucrânia (1991) – reconhecido pela comunidade internacional. O ato estabeleceu a Ucrânia como Estado soberano e independente. No mesmo ano, museus ucranianos passaram a privilegiar manifestações que foram símbolos locais e a lembrar do passado de opressão, como o *Holodomor*.

Ao longo do filme de Afineevsky, é possível notar diversos símbolos capturados do passado escolhidos com cuidado e devoção para se contrapor à associação da nova Ucrânia à Rússia. Um dos entrevistados, aos 34 minutos do filme, diz: “Quando as pessoas viam as barricadas diziam que pareciam as barricadas históricas do século XVI. Por que não deveríamos usar as leis, as regras, a hierarquia dos nossos ancestrais?” Na Maidan, as barricadas, bem como as roupas tradicionais usadas por muitos manifestantes e a minuciosa organização das brigadas de autodefesa, pareciam louvar o glorioso passado das tribos eslavas.

No filme, o que parecia estar em jogo era a recriação dos símbolos nacionais para a consolidação e a manutenção da própria Ucrânia independente, imprescindíveis para o reconhecimento da sua soberania sobre a integridade de um território histórico. O historiador britânico Eric Hobsbawm, em sua obra “A Invenção das Tradições” (2006), deixa nítido a importância das tradições quando se leva em conta alguns dos desdobramentos imediatos da Euromaidan. Ao invadir a Ucrânia, em 2014, a Rússia rompeu o Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança (1994) e assumiu a posição de que o vizinho não era um país soberano. Isso violou uma série de princípios de Direito Internacional⁴ e todos os tratados assinados entre os dois países.

O Memorando de Budapeste dava à Ucrânia garantias para que assinasse o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP). No acordo, a Ucrânia entregou todo o seu arsenal nuclear à Rússia e, em troca, os signatários russos ofereceram à Ucrânia garantias de segurança, tais como: respeitar a independência e a soberania da Ucrânia nas fronteiras existentes à data da assinatura; abster-se de ameaçar ou de usar a força; abster-se de usar a pressão econômica; e abster-se do uso de armas nucleares. Após a invasão e a posterior anexação da Crimeia feita pela Rússia, vários

⁴ O Direito Internacional é baseado em princípios essenciais para nortear as ações dos Estados, bem como a criar normas e diretrizes que estejam de acordo com elas. São alguns exemplos de princípios: a solução pacífica de controvérsias, a igualdade soberana dos Estados, o dever de cooperação internacional e a não ingerência nos assuntos de outros Estados.

países, incluindo os outros signatários, declararam a ação militar russa como uma clara violação das obrigações do acordo para com a Ucrânia.

Ao analisar a invasão, é possível notar que tanto em 2014, quanto em 2022, há a ausência de base legal legitimadora de tais ações. Segundo o princípio da igualdade soberana dos Estados regido pela Carta das Nações Unidas (1945), o uso da força só se dará para autodefesa ou sob a autorização do Conselho de Segurança da ONU, portanto, comporta um número muito pequeno de exceções. Pela lógica russa, a ideia de autodefesa e conservação de populações etnicamente russas foram os pretextos utilizados para justificar a invasão. Isso representa uma perigosa vertente, pois a infundada alegação de reivindicação de territórios antigos por parte da Rússia preenche a ausência de motivos legitimadores da invasão nos termos do Direito Internacional Público.

A falta de legitimidade violou expressamente uma série de princípios da Carta das Nações Unidas e trouxe à Rússia sanções internacionais impostas desde 2014. Segundo o artigo 2 da Carta, todas as controvérsias internacionais serão resolvidas através de meios pacíficos e evitando qualquer tipo de ameaça ou o uso da força. De acordo com a organização intergovernamental, o entendimento acerca de uma agressão armada é o emprego da força das armas por um Estado contra a soberania, a integridade territorial e a independência política de outro Estado. É importante frisar que desde a criação da ONU, Rússia e Ucrânia são signatárias da Carta, pela qual se obrigam a respeitar todas as suas exigências previstas.

Segundo o cenário construído por Hasso Hofman (2020, p. 52), a última década do século XX trouxe um processo de interdependência global entre economia e informação, política e cultura, que abriu as portas para a ideia de uma cidadania mundial na perspectiva da validade universal dos Direitos Humanos. Tendo em vista a atual guerra travada na Europa por russos e ucranianos, os órgãos de deliberação supranacionais, como a Corte Internacional de Justiça (CIJ), apresenta sinais de incapacidade das normas de Direito Internacional Público no regramento das relações entre Estados. O desafio atual, portanto, nesta era de globalização, é o de construir, sobre os alicerces da soberania nacional, uma nova ética global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Inverno em Chamas” (2015) aborda a dramática crise na Ucrânia que gerou um conflito armado contra a Rússia. Como não poderia deixar de provocar, o intenso conflito étnico e político entre os dois países gera a proliferação de grupos radicais, do ódio, do preconceito e de inúmeras atitudes desproporcionais. Ademais, a volta incessante a um passado revisionista evoca forte emoção para ucranianos e russos, comprometendo o futuro dos dois países e provoca instabilidade em toda comunidade internacional. Na mesma linha, o artigo levanta um importante alerta respeito da revivificação de pensamentos extremistas.

Para tanto, faz-se necessário apontar os motivos pela existência da guerra e entender os importantes desdobramentos históricos da herança milenar compartilhada entre Rússia e Ucrânia. Sendo assim, o uso da força militar aliada ao apoio a grupos separatistas e a participação de grupos extremistas propiciaram a deflagração da violação de direitos fundamentais de várias formas. Ao fazer o uso de forças militares por meio da violência desenfreada, a população civil que não participa do conflito, como o exemplo de crianças e jornalistas desaparecidos na região, ou mesmo a diversidade étnica, fica ameaçada como um todo.

Ademais, os eventos estabelecidos pelo filme “Inverno em Chamas” e suas principais implicações requerem uma aguçada análise no que tange ao Direito Internacional. Para tanto, é indispensável dissecar os principais elementos da área e trazer conceituações acerca de seus princípios, especialmente aqueles que foram violados pela guerra. Desse modo, é preciso que a Rússia respeite tais princípios, como o da autonomia e o da não ingerência nos assuntos de outros Estados, para que passe a entender a Ucrânia como uma nação que está fora de sua área de influência.

Sendo assim, conclui-se que a Rússia conduz suas ações de maneira inapropriada na atual guerra, ainda que se justifique em uma causa alheia à realidade do que é demonstrado. Na mesma linha, tem-se a insatisfação da comunidade internacional com a realidade montada juntamente com as organizações internacionais. Assim, diante dos perigos abstratos representados pelo poderio militar russo e da sua capacidade nuclear, a solução não deve ser aplicada com o uso de força. Faz-se necessária, portanto, uma solução pelo caminho diplomático ou arbitral.

REFERÊNCIAS

BBC Brasil. Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia. **BBC News Brasil**, 25 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>> Acesso em: 28, out. 2022.

BBC Brasil. SOL negro: o que é o símbolo associado ao nazismo usado por militar ucraniano em foto viral da guerra. **BBC News Brasil**, [S. l.], p. 1, 7 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60646562>> Acesso em: 27, out. 2022.

CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, São Francisco, 26/06/1945.

GONTIJO, Fabiano. **Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da linearidade**. Revista Antropológica da USP, São Paulo, v. 63, n. 3, 17 dez. 2020.

HOBSBAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.

HOFMANN, Hasso. **Filosofia Jurídica Pós 1945**. Sobre a História do Pensamento Jurídico na República Federal da Alemanha. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020.

Inverno em Chamas: A Luta pela Liberdade da Ucrânia. Direção: Evgeny Afineevsky. Estados Unidos/Reino Unido/Ucrânia: Netflix, 2015. Documentário, 98 min.

SNYDER, Timothy. **Na Contramão da Liberdade: A guinada autoritária nas democracias contemporâneas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SNYDER, Timothy. **O príncipe vermelho: as vidas secretas de Wilhelm von Habsburgo**: de líder nacionalista ucraniano a espião na União Soviética. 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TEIXEIRA, Carla Noura. **Direito Internacional para o Século XXI**. São Paulo: Saraiva, 2013.
THE BUDAPEST MEMORANDUM OF 1994, Budapeste, 12/05/1994.

ISSN: 2675 - 3332

{ 6
1 }